

O HOMEM NEGRO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Darcilene F. Santos – Faculdade Flamingo

darcilenefs@gmail.com

Thaís De Lucas – Faculdade Flamingo

Alessandro Marco Rosini (orientador) - Faculdade Flamingo

alessandro.rosini@grupoflamingo.com

Resumo

O material abaixo tem como objetivo amplificar o conhecimento para os docentes na sociedade da educação infantil, bem como investigar e avaliar a postura e aceitação do professor homem negro, que atua na educação das crianças menores de 06 anos. Buscamos através de relatos e evidências trajetórias de professores nestas condições e como sobreviveram e sobrevivem com as diferentes concepções políticas e acadêmicas estabelecidas ao longo de sua carreira, além de como se comportaram e como fizeram para lidar com os obstáculos impostos no caminho, pelo olhar crítico da sociedade em um todo que influenciam diretamente na formulação da identidade do professor que atua nesse nível de ensino. É uma pressão constante sobre suas práticas, uma vez que o cuidar e educar de forma segmentada e/ou separada das demais colegas de trabalho, se faz acontecer, pois ele como homem não pode realizar determinadas atividades segundo os supostos “avaliadores”.

Palavra-chave: Pedagogia - Professor Homem - Preconceito Racial - História da Educação.

1 Introdução

A figura do homem negro na educação infantil é um tema pouco discutido na sociedade, porém bastante polêmico nos dias atuais. Neste momento estamos habituados a utilizar os contextos diversidade, respeito e integração na educação no âmbito escolar, porém no sentido literário não são seguidos, tão pouco aplicados dentro da educação, este assunto se torna pouco citado e polêmico ao mesmo tempo, entre o corpo docente e comunidade.

Não se pretende aqui, realizar uma cronologia das ações desenvolvidas pelos movimentos negros em prol da educação, entendemos que houve evolução, mas este assunto precisa estar em crescimento contínuo quando se trata de inclusão do negro em funções específicas dentro da educação na pré-escolar, porém, o que vamos abordar é a falta de cultura devido ao desconhecido e também as referências brasileiras onde não se enxerga o homem com habilidades de cuidador e educador no período pré-escolar da criança.

Entendemos que toda experiência social produz conhecimento. Ao fazê-lo, pressupõe uma ou várias epistemologias, entende-se que toda ação ou ideia refletida ou não, sobre as condições do que conta como conhecimento válido que uma dada experiência social se torna intencional ou inteligível.

Devido à escassez na sociedade nos projetos, nos currículos e até mesmo na política educacional neste quesito, existem dificuldades e resistências em reconhecer outros saberes produzidos pelos movimentos sociais, setores populares e pelos grupos sociais não hegemônicos. No contexto atual da educação regulada pelo mercado e pela racionalidade, esses saberes foram transformados em ausência.

Mesmo tendo o aluno como ponto focal de sua atuação, a situação exige outras habilidades que precisam ser usadas e muitas vezes desenvolvidas para conseguir lidar com os pais, escola, colegas de trabalho, comunidade e possíveis conflitos internos, referente à sua escolha sendo, um universo totalmente feminino. Entretanto ao eleger o ensino infantil como forma de atuação levantamos alguns questionamentos: Estariam os homens excluídos desta função? Excluídos por quem? Por que foram excluídos?

Para responder estas perguntas trouxemos referenciais teóricas e estudo de gêneros, através de livros e artigos sobre a história de vida de alguns professores homens e negros bem como a importância de mudanças na educação infantil para que esta visão possa ser mudada.

O objetivo da nossa pesquisa é trazemos a proposta de trabalhar a visibilidade do professor homem e ainda negro como educador, promotor de saberes e de conhecimentos sem

preconceitos, pois possuem as mesmas habilidades que outros educadores, uma vez que qualificados.

A metodologia utilizada foi à pesquisa bibliográfica a apresentação de dois estudos de caso e entrevistas com 20 professores da educação infantil para entender as vivências e dificuldades enfrentadas.

2 Divisão Histórica de gêneros

Nosso estudo oferece uma visão que favorece a criação de um espaço de discussão sobre as condições igualitárias de gênero sobre a qualidade na educação infantil, “Surge daí o itinerário desta investigação, objetivando: discutir gênero e raça nas relações sociais escolares; apontar alguns encaminhamentos no quesito gênero/ homem e raça/negro, num espaço eminentemente feminino”. (SILVA, 2011, p.125) é um convite para refletirmos sobre a meta de igualdade de gênero, para o combate ao sexíssimo no âmbito da educação que se inicia desde a educação na infância, é importante que seja valorizada esta questão de gênero para que toda essa diferença não se torne uma desigualdade.

Estamos falando de um número reduzido de professores homens na educação infantil, e menor ainda é a quantidade de homens negros neste segmento, precisamos tentar entender o motivo, além disso, é preciso entender como chegaram lá, e como é para eles estarem em uma posição considerada feminina nas creches e pré-escola.

Falando de lugar de homens e mulheres na sociedade, desde o período colonial no Brasil (1500 a 1822) a educação formal era destinada apenas ao sexo masculino, e as mulheres eram condicionadas a aprender a lavar, passar, cozinhar, bordar e cuidar dos filhos usava a frase “tarefas próprias ao seu sexo”, estes eram os padrões dos familiares vigentes na época de acordo com um relatório do presidente da província de São Paulo, Frederico Carneiro de Campo, ele dizia que o destino das mulheres eram duas possibilidades “casamento ou magistério”, segundo algumas pesquisas realizadas pelos europeus Pestalozzi e Froebbel, diziam que o ensino era trabalho de mulher, por envolver uma parte da maternidade, estando, por tanto, as mulheres mais aptas do que os homens para trabalhar nas escolas.

Não temos como ignorar os aspectos históricos e culturais do passado onde podemos dizer que se iniciou toda esta questão de gênero, mas é possível criar um modo de ser que possam mudar o tradicional, e assim desconstruir ideias que foram criadas em torno de diferenças sexuais, porém as instituições não estão dispostas a mudar possíveis perspectivas, e

desenvolver tipos de posições dentro das escolas,

Uma vez discutido gênero aplicado aos espaços escolares infantis, particularmente as relações docentes e a prática pedagógica, defendendo uma posição antissexista, portanto, de igualdade, posso conceituar raça e entender as relações que se estabelecem quando um educador (homem) negro (raça) adentra os espaços de poder predominantemente feminino”. (SILVA, 2011, p.125)

O que nos chama atenção neste estudo: Como o homem entra neste universo totalmente feminino? Como se estabelecem as relações com o corpo docente e com as crianças?

Um fator importante quando falamos desta desigualdade, é que não estamos colocando em prática as diferenças sexuais entre homens e mulheres na sociedade, mas buscando uma igualdade política social, que não inclui apenas o sexo, mas também a classe social, raça, e cultura religiosa, uma vez que para explicar a realidade social que vivemos se faz necessário falarmos de outras categorias que tratam da diferença no interior das diferenças.

O professor homem na educação infantil provoca, logo de início, impacto, estranheza, susto, como foi possível constatar através dos relatos dos professores em suas histórias de vida que veremos a baixo.

3 Discriminação por ser homem & A busca da Compreensão

Identificamos que a maior discriminação está no fato de ser homem, e essa discriminação tem suas bases nos mesmos critérios de gênero que levam alguém a julgar que um homem não tem as características femininas essenciais para ser um bom professor das séries iniciais do ensino infantil.

Na busca da compreensão dos conflitos trazidos pela ideia do professor homem na educação infantil, temos o seguinte pensamento: “O professor é a pessoa; e uma parte importante da pessoa é o “professor” (NIAS, pag. 9. 2000). Não é possível separar o profissional do pessoal e o pessoal do profissional, devido ser uma profissão que carrega em sua essência estar e fazer nas relações como valores e ideais, sentimentos que estão presentes ao longo de sua carreira profissional na educação, neste processo possui como característica três tópicos: Adesão | Ação | Autoconsciência, que é a sustentação deste ciclo.

O homem da civilização envolve fatores psicológicos, sociais e culturais além da genética, mas o que dificulta isso são as frases taxadas ao sexo masculino desde a sua infância

como: “Seja homem”, definição essa que detalha que o homem tem que ser macho; e macho provém de virilidades, distanciando as tarefas femininas e masculinas, e não é aceitável essa troca de funções. A partir disso, as suas características são fabricadas, pré-moldadas, e não seguem um instinto de cuidar, gerir por emoção e vínculo de afeto. O que está registrado no homem como resultado de nossas próprias criações é a força e hierarquia humana, quando se diz “para louvar um homem, basta dizer que ele é um homem”. (PEREIRA, 2016, pag. 63 a 111).

4 Estudos De Casos - Identidades Alexandre

Ao compartilharmos dessas experiências possibilitamos a disseminação desse conhecimento e também damos vozes as suas histórias, valorizamos suas referências e dividimos as possibilidades de conhecimento para a comunidade e corpo docente, desta forma construir com análises e tecer discursos aderentes a realidade desses professores.

O Professor Alexandre nasceu em Itaquera e reside em Itaquaquecetuba, 25 anos, solteiro declara-se negro. “Relata que foi criado mais por mulheres: “Minha avó, minha mãe e irmã”, pois não teve contato com o pai, mas que isso não foi um problema para ele. O seu padrasto veio morar com eles, quando ele tinha em torno de 5 anos.”(PEREIRA, p.136. 2016). Teve uma infância bem saudável e bem aproveitada e conseqüentemente bem resolvido; sua mãe analfabeta trabalhava na feira vendendo temperos, mas parte de sua vida trabalhou em casa de família, ele ajudava na mercearia que tinha em sua casa. Sua irmã é bacharel em biologia, seu irmão parou de estudar na 6ª série, após incentivo de sua mãe fez supletivo, apesar das limitações da sua mãe sempre incentivou os filhos a estudar e se desenvolver. Inicialmente sua intenção era se tornar advogado, em torno dos quinze anos decidiu seguir a carreira militar, o curso de magistério aconteceu por acaso por uma indicação de uma amiga que contou sobre o CEFAM (Centro de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério). Matriculou-se, estudando a possibilidade de ser mais bem-sucedido nas provas militares, pois sabia que o CEFAM estava muito além do preparo de sua escola atual e reconhece que esta escolha foi fundamental, “Ao término do curso do magistério, em torno dos 19 para os 20 anos, surgiram algumas dúvidas: Será que sirvo para ser professor? “Sentiu o peso da responsabilidade, principalmente com relação à alfabetização das crianças”. (PEREIRA, 2016, p.136). Diante desta dúvida decidiu investir em cursos na área de TI, essa experiência durou um ano e meio ou até entender que de fato desejava lecionar, e por

incentivo de um amigo conseguiu uma oportunidade em uma creche conveniada em São Paulo. Com essa oportunidade resolveu fazer pedagogia e se descobriu na educação, prestou concurso para educação infantil e passou em primeiro lugar, atualmente estuda no curso de educação física e psicopedagogia.

4.1 Passividade e Tolerância de um professor Iniciante

Recorda-se que durante uma substituição de aula de uma professora do BI ele teve que assumir a sala, mas a diretora informou que os pais poderiam não ver com bons olhos e com esta colocação ela decidiu colocá-lo no BII, sem questionar qual era sua preparação ou especializações, nem mesmo seu contexto educacional para tão esperada execução “Mão na massa”, contudo ela estava preocupada, mas o que trazia conforto para sua preocupação, é que o professor atuando no BII, se algo acontecesse com as crianças ela já conseguiam se expressar. Entretanto esse não foi um caso isolado aconteceu em várias escolas que trabalhou, como por exemplo, na prefeitura ele podia trocar apenas meninos às meninas ficavam como responsabilidade das professoras e caso não estivesse disponíveis as mulheres da limpeza assumiam esse papel, apesar de perceber a discriminação, o professor Alexandre não expõe seu desagrado à equipe escolar, ele dizia que não gostava de bater de frente por que entendia que podia passar por mais constrangimentos e essas dificuldade eram enfrentadas diariamente, desde colegas de trabalho e direção à pais de alunos, alguns pais de alunos decidiram transferir seus filhos de escola e em reuniões escolares alguns demonstravam interesse em exigir que uma mulher acompanhasse as meninas ao banheiro, e diziam “ele pode representar perigo as crianças”.

A parte afetiva se torna mais um problema, pois é comum uma professora mulher acariciar, abraçar uma criança e demonstrar carinho e ser algo não sexual, pois segunda a sociedade as mulheres controlarem sua sexualidade ao passo que os homens são incontroláveis, posto que a sexualidade é algo pertencente ao mundo masculino e inexistente no feminino”.

Para evitar atrito com os pais, o professor Alexandre e as professoras combinavam (e ainda combinam, inclusive ressalta dar-se muito bem com a professora com quem trabalha atualmente), ele levavam os meninos e elas as meninas ao banheiro: “eu fazia minha função: minha função era educar, cuidar deles também, no processo da creche”. Contudo declara que no maternal já tem aceitação maior (a presença do professor homem) [...] (PEREIRA,2016,

p.138).

E ele para remediar aceitava as condições para evitar transtornos e seguir sua escolha profissional, em nenhum momento da entrevista o professor faz referências à sua cor/raça, embora saibamos que o fato de ser negro não pode ser ignorado e que ficou evidenciado nas diversas manifestações de preconceito e discriminação que foi alvo no decorrer de sua carreira no magistério, não estamos afirmando que ele sofreu esse tipo de discriminação, mas estamos cientes que este é um fator que não pode e nem deve ser ignorado, dado os estereótipos construídos ao longo da história brasileira sobre a população negra.

O professor Alexandre informa que para sua família e seus amigos lecionar na educação infantil é normal, porem muitas pessoas de fora acham que ele é professor de educação física mesmo sabendo que sua formação e atuação infantil, diz que isso assusta as pessoas e elas fazem associação por ser um professor homem, e questionam sua opção sexual como se fosse gay, ou pior tem outras intenções para trabalhar nessa função ou é um desocupado (risos), ou qualquer outra coisa menos um profissional sério. Relata que após conhecerem seu trabalho esta percepção muda, quando as crianças e os pais de seus ex-alunos vêm visitá-los e trazem as crianças pra vê-lo “as crianças tem uma boa aceitação”.

Entendemos em seu depoimento, que ele foi totalmente ético, mas também apresentou dificuldade de expressar o pré-conceito racial sofrido, em nenhum momento ele alega que em sua experiência profissional apesar dos dias difíceis e situações constrangedoras vividas que sofreu racismo, mas inconscientemente em seus relatos fica evidente que o pré-conceito racial está equiparado como fato de ser homem, pois em um determinado trecho do texto ele afirma que se denomina negro, o que nos faz refletir que não estamos falando apenas de gênero, mas também preconceito.

O que vigora é a representação do que é esperado para cada sexo/gênero. Para as mulheres o cuidado e educação dos (as) pequeninos (as), já para os homens , é como nos diz o professor Alexandre, que enfatiza que o fato de ser homem vem antes do profissional”.(PEREIRA, 2016 p.140).

Falando ainda sobre gênero a concepção mais tradicional, a feminilidade seria percebida como "uma força natural que precisa apenas de ser controlada e disciplinada", já a masculinidade seria compreendida como "algo menos certo", por isso necessitaria de ser "cultivada através de um complexo processo de “masculinização” para a sociedade, a começar na primeira infância".

Usualmente também se observa que as formas de manifestação de afeto e de

companheirismo entre meninas e mulheres envolvem uma proximidade física e uma intimidade que não é tolerada para com os meninos e isso poderia ajudar a "afrouxar" a rigidez das fronteiras do comportamento permitido para o relacionamento entre elas. A vigilância para garantir a masculinidade dos meninos é então exercida mais intensamente desde os primeiros anos de vida, pela família e conseqüentemente pela escola.

“O que vigora é a representação do que é esperado para cada sexo/gênero. Para as mulheres o cuidado e educação dos (as) pequeninos (as), já para os homens , é como nos diz o professor Alexandre, que enfatiza que o fato de ser homem vem antes do profissional” .(PEREIRA,2016, p.140).

4.2 Identidade - Claudionor Renato Da Silva

Dialogar a experiência inicial na docência do professor Claudionor Renato Da Silva, considerando como seu “batismo de fogo”, nós desafiou a citar aqui algumas situações vivenciadas por ele de forma firme e com maestria, pois imaginamos que não foi fácil passar por todas as situações descritas abaixo e se manter confiante em sua profissão, após receber questionamentos e desafios diários que colocam a prova sua competência e formação, por conta de seu sexo e da cor de sua pele.

Ele, natural de Araraquara, pedagogo, licenciado em matemática, especialista em gestão educacional, mestre em educação e doutor em educação escolar, especialista nos métodos da pesquisa bibliográfica da análise documental e GroundedTheory docente e pesquisador na UFG (Regional Jataí): curso de Pedagogia e Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE).Membro Associado da ABEC-BRASIL (Associação Brasileira de Editores Científicos), da ANPED(Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação) - GT 23: Gênero, Sexualidade e Educação - e da ABPN (Associação Brasileira de Pesquisadores Negros) - Área: Educação.

A atuação de professor homem na educação infantil ainda é um pouco restringida pelos pais, pela escola, trata-se do estranhamento de um homem exercer atividades de cuidado e de docência dos infantis, em um espaço considerado totalmente feminino.

Os apontamentos e reflexões indicam que as relações de gênero e raça presentes na sociedade brasileira estão refletidas nas relações escolares da educação infantil, a começar com a equipe gestora e de professores. São relações conflituosas, usadas no senso comum e pela feminilidade (superioridade sexista), mas que são silenciosas e não explícitas,

manifestando-se, tomam forma ou sentido quando apontadas, formuladas, defendidas e questionadas.

Os depoimentos do Professor Claudionor Renato da Silva, relatam de forma forte e intensa como foi sua postura e sua experiência ao ingressar na escola recém-formada, e como precisou se comportar para que fosse visto como professor e educador responsável pela sala, “Obviamente, tais atitudes ou falas não chegam ou chegaram a mim pessoalmente. Certamente eu teria uma resposta, um contra posicionamento ético, profissional”. (SILVA, 2011, p.139).

4.2.1 A Resiliência de Um Professor Iniciante

No primeiro dia de trabalho na escola ele foi confundido com um auxiliar, alguém se dirigiu a ele dizendo:

Olha que legal, um homem pra ajudar a creche, você vai ficar onde?”. “Ainda bem que não me achou o novo faxineiro”(SILVA, C., 2011, p.138), mas ficou nítido que não o enxergava como professor, e colocar ele no lugar de um “ajudante” já denotava o fato de ser “anormal” um homem, professor e negro na educação infantil. “Respondi com segurança e um pouco de ira, é claro, que eu não vinha ajudar ninguém, tinha assumido uma turma, como professor titular de sala, (SILVA, 2011, p.138)”.

Nitidamente percebemos que associar “um homem negro chegando à escola” responsável por um “trabalho de ajudante”, denota a análise rapidamente feita que se ele estava ali, não era para ocupar um cargo de auxiliar de educação, nem tão pouco de professor, mas de cozinheiro, faxineiro ou qualquer outra função.

Com o passar dos dias o que fica mais evidente na relação de gênero, é o comportamento dos pais, enquanto levavam seus filhos olhavam para ele com total incômodo. Em alguns momentos a impressão é que existe evolução neste comportamento, mas logo esta impressão é contrariada quando novamente a estranheza se manifesta. Primeiro, talvez, por ser um homem num campo de atuação majoritariamente feminino, segundo, por ser negro.

Num dia enquanto as crianças dormiam alguém bateu à porta (Era uma tia vindo buscar pela primeira vez seu sobrinho, um aluno). Quando me viu deu um salto para trás e colocou às mãos ao peito suspirando forte e disse: “ai que susto, um homem!”. Claro que ela se referia a um homem na creche... Só faltou dizer: “um negro sozinho com as crianças.(SILVA, 2011, p.138,139).

Durante o ano acontecem outros fatos que vão caracterizando o grande incômodo de ter um professor homem e negro na sala, entre eles, o professor notou a ausência de algumas crianças na creche, devido a sua presença.

Mas ainda assim tem alguns pais não aceitam a presença do professor na sala ao deixar seus filhos, sempre procuram a figura feminina de uma professora para passar comunicados sobre o bem-estar dos filhos, mesmo que o professor as receba, ainda resistem e preferem passar a informação para as educadoras. E em alguns momentos, quando a figura feminina não está presente na sala, algumas pensam até em voltar para a casa com eles, o que se torna o cúmulo do absurdo. Então neste momento o professor precisa se posicionar de forma firme para a convencer que é o regente da sala e responsável direto pelas crianças, e passa a se recusar receber recados intermediados pelas mães. Em certos momentos, Claudionor não se sente professor reconhecido. Certamente, estão veladas aí as questões de gênero, o problema está em ser homem ou ser negro, ou até mesmo as duas características? E ele continua impondo e repondo seu papel de professor, homem, negro, com toda sociedade escolar.

Concluimos que sua força de vontade precisou se destacar todos os dias nessa batalha, e lutar para conseguir mostrar a atitude e profissionalismo (de um homem negro professor), ao mesmo tempo de resistência pró antissexista e anti-preconceituosa.

A intenção do professor não foi se impor, nem ser o “mais” ou o melhor, ao contrário, ele defende apenas a questão da igualdade pela diferença. Tanto homens como mulheres, devem estar no espaço escolar desde a educação infantil. Não apenas para soluções, mas para tratar às desigualdades na sociedade brasileira e combater a questão racial, mas acima de tudo para o desenvolvimento e evolução infantil das crianças, reconhecendo as figuras masculinas e femininas.

O depoimento citado acima são relatos e desafios de um professor negro na escola de educação infantil em relação: à gestão escolar, aos colegas professores, equipe de trabalho e aos os pais das crianças pequenas. E também sua superação, conquistas e evoluções diárias, trabalhando todos os dias e até hoje de maneira otimista e acreditando que em breve conseguiremos evoluir nesta questão, mas acontecendo ou não, seu relato dará força para futuros professores que se virem na mesma situação, consigam se orientar e se embasar através de suas palavras e continuar inserir a identidade do negro e sua contribuição na história e cultura brasileiras e práticas pedagógicas. Outras ações a médio e longo prazo é de ocupar cargos de gestão e coordenação pedagógicas a fim de estruturar buscando efeitos de

mudança de olhar e de pensar.

O desafio está posto a nós educadores e cidadãos brasileiros, cabe a nós reciclarmos nossos pensamentos, crenças e nós desafiarmos e incentivar e cultivar a inserção do homem negro na pré-escola.

5 Pesquisa de campo

Ao utilizar a pesquisa de campo, nosso foco foi trazer uma pequena amostragem de como é a aceitação/introdução do tema “O HOMEM NEGRO NA EDUCAÇÃO INFANTIL”.

A maioria dos respondentes fazem parte da gestão escolar (professores, coordenadores, diretores, entre outros), e atuam em média há 12 anos e a soma das escolas que esses profissionais atuaram alcança o número expressivo de 137 escolas, levando em consideração o total de entrevistados (20 pessoas).

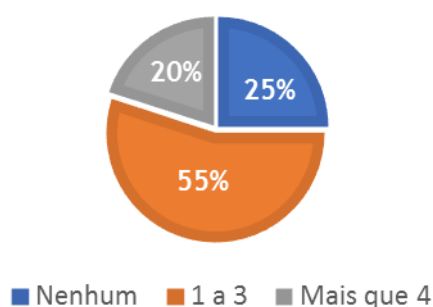
Ao abordar esse tema, tínhamos a convicção que algumas respostas não se encaixariam exatamente na segmentação da pesquisa, fugiriam da realidade dos fatos, na tentativa de suprimir o preconceito e/ou racismo no ambiente escolar, porém todas as respostas agregou na busca hipotética de novas percepções sobre o tema. Para contornar esse paradigma do “não preconceito”, adicionamos algumas frases à introdução e/ou dispomos as perguntas de forma furtiva, para incentivá-los a responder o questionário com um cenário circunstancial.

Todos dos respondentes da pesquisa acreditam não haver problemas na aceitação de um profissional negro por partes das crianças, mas sim certo preconceito por parte da família, com uma visão deturpada quando se trata principalmente de higiene pessoal das crianças. Levantamos também a questão sobre o impacto sofrido pela sociedade escolar ao se deparar com esse mesmo profissional, e as respostas mais uma vez são declinadas para o “não há racismo”, sendo assim fica evidente que o a problemática esteja voltada somente para a família. Os 35% entenderam que não existe um preconceito e/ou resistência e acreditam que não há uma diferença entre gênero e/ou raça na atuação com as crianças, que todos os profissionais têm as mesmas dificuldades dentro do ambiente escolar, porém baseado nas respostas da pesquisa, acreditamos que os respondentes analisaram sobre o olhar geral da profissão: problemas com estrutura falta de materiais, condições financeiras, entre outros.

Os 65%, ainda de uma maneira pacificadora, entendem que há uma barreira sim entre

sociedade, gestão e o professor homem negro, apontando os problemas para o preconceito, aceitação, desconfiança, questão cultural, possibilidade de abusos, entre outros. Com um dos resultados da pesquisa, conseguimos montar o gráfico abaixo, que traz a porcentagem de professores que conhecem outros profissionais negros atuante dentro da educação infantil como professor titular de sala:

QUANTOS PROFESSORES NEGROS VOCÊ CONHECE ATUANDO NA EDUCAÇÃO INFANTIL?



Mediante a este gráfico, identificamos que a maior % é de professores que conhecem profissionais negros atuantes em escolas de educação infantil, porém ao fazer o levantamento mais detalhado, é possível identificar que os profissionais negros atuantes em sala de aula como professor titular equivalem a 14%, sendo os outros 86% estão distribuídos a tarefas como: auxiliar de cozinha, auxiliar de classe, inspetor de alunos ou almoxarifado.

Ainda assim, 45% dos respondentes da pesquisa, acreditam que a grande questão não está entre um professor branco e um professor negro, julgam que não exista mais esse tipo de preconceito, acreditando fielmente que na verdade o que acontece é a falta de profissionais do sexo masculino qualificados para a função.

Infelizmente entendemos que ainda existe uma grande dificuldade em assumir que o preconceito ainda está vivo dentro de toda sociedade escolar, e é notório que alguns profissionais enxergam a falta de homens negros no ambiente escolar como professor, apontando a falta de interesse em atuar na área, porém, não enxergam que os negros formados em pedagogia, não conseguem atuar como professores e nas poucas oportunidades de atuar dentro da educação infantil, as obrigações atribuídas a ele, fogem da grade curricular praticada durante sua formação acadêmica.

Considerações Finais

Para que o professor esteja realmente preparado para lidar com esses assuntos em sala de aula, e não apenas propague mais estereótipos sobre a identidade é importante que tenha uma formação adequada e de qualidade, que não se limite apenas à educação inicial de formação, propiciando apenas conhecimentos específicos nas áreas para cargos de liderança, mas sim como educador e orientador responsável pela sala de aula e na composição dos valores das crianças como futuros cidadãos o professor precisa estar contextualizada com a realidade dos pais, instituição e comunidade pois a educação não acontece apenas na sala de aula, a escola é peça importante na sociedade, portanto, ela precisa estar relacionada com tudo o que acontece nela principalmente quando se trata de educadores homens negros capacitados para educar e não encontram oportunidade que merecem.

Pensando nessa sociedade onde a intolerância, o desrespeito, preconceitos, racismos e discriminações têm estado tão presentes, as escolas e seus professores, como agentes mediadores e influenciadores, devem lutar e buscar uma educação igualitária para a própria categoria, que é pouco valorizada na etapa infantil para homem, que seja democrática e cidadã e valorize as identidades das crianças e do professor com orgulho.

O professor homem negro busca em seu espaço educacional de trabalho igualdade, formação profissional, superação das representações de gênero e dos papéis homem/mulher a figura máscula/paterna, a urgência do debate sobre a diversidade de gênero e de raça nos espaços escolares, a partir da primeira infância, são estas conquistas diárias que molda a identidade do negro e sua contribuição na história e cultura brasileiras; Trata-se de uma luta.

De uma resistência intelectual de pesquisa, de produção acadêmica, vinculadas sempre a práticas que promovam a igualdade de gênero e de raça na educação. E como na construção de uma rede liberta de valores pré-moldados e reduzidos, muitas vezes taxativo e malicioso, articulam e alcançam outras instâncias além dos muros escolares disseminando mais um paradigma para o homem negro identificado como estrangeiro dentro de seus próprios valores.

7. Referências

GOMES, Nilma Lino - O movimento Negro Educador – Saberes construídos nas lutas por emancipação, Cap. 2 - Pedagogias que Emergem, ed. Vozes, maio 2019.

NÓVOA, António - Vidas de professores. Porto, Porto Editora. 2000

OLIVEIRA, Mariana Silva - Questão de gênero na escola e a influência da sociedade. Cap. 5 - <https://monografias.brasilescola.uol.com.br/pedagogia/questao-genero-na-escola-influencia-sociedade.htm>. Acesso em 19 setembro 2019.

PEREIRA, Maria Arlete Bastos, Professor Homem – O Estrangeiro na educação infantil (Educação Pedagógica), São Paulo Appris, Jan 2016.

RABELO, Amanda Oliveira. Professores Discriminados: Um estudo sobre docentes do sexo masculino nas séries do ensino fundamental. 2013, vol.39, n.4, pp.907-925. ISSN 1517-9702. <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022013005000004>. Acesso em: 20 setembro 2019.

SILVA, Claudionor Renato. Vivências Iniciais De Um Professor Negro na Educação Infantil. Revista África e Africanidades, São Paulo – Ano 4 – nº 16 e 17 fevereiro/ maio 2012 – ISSN 1983-2354 http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/16-17_03.pdf Acesso em: 15 setembro 2019.

SILVA, Claudionor Renato. Professor Homem, negro na escola da infância: reflexão e apontamentos de um iniciante: <https://periodicos.fclar.unesp.br/tes/article/download>. Acesso em 03 setembro 2019./.]

THE BLACK MAN IN CHILD EDUCATION

Darcilene F. Santos – Faculdade Flamingo
darcilenefs@gmail.com

Thaís De Lucas – Faculdade Flamingo

Alessandro Marco Rosini - Faculdade Flamingo
alessandro.rosini@grupoflamingo.com

Abstract

The material below aims to amplify knowledge for teachers in the early childhood education society, as well as to investigate and evaluate the posture and acceptance of the black male teacher, who works in the education of children under the age of 6 years. We seek through reports and evidence of the trajectories of teachers in these conditions and how they survived and survive with the different political and academic conceptions established throughout their career, in addition to how they behaved and how they did to deal with the obstacles imposed on the way, by looking critical of society as a whole that directly influence the formulation of the identity of the teacher who works at this level of education. It is a constant pressure on his practices, since caring and educating in a segmented and / or separate way from other co-workers, happens, as he as a man cannot perform certain activities according to the supposed “evaluators”.

Keyword: Pedagogy - Male Teacher - Racial Prejudice - History of Education.